

A LITERATURA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O ESTUDO DE OUTROS SABERES

LITERATURE AS A PEDAGOGICAL INSTRUMENT FOR THE STUDY OF OTHER KNOWLEDGE

Autor: Maria Luiza Meirelles

¹Instituição do autor. E-mail: marialuiza@ifes.edu.br.

Artigo submetido em 11/05/2021, aceito em 18/03/2022 e publicado em 13/05/2022.

Resumo: O hábito da leitura é crucial para desenvolver a capacidade de interpretação de texto e, conseqüentemente, ajuda na compreensão dos conceitos e conteúdos de quaisquer áreas do conhecimento. Este artigo visa, então, apresentar a literatura não só como um valioso instrumento para fomentar o gosto pela leitura, como também para estimular os estudos de outros Saberes, quais sejam, Filosofia, Sociologia e História. Essa prática vai ao encontro de uma visão mais global para a formação do indivíduo e se realiza nos currículos escolares por meio da interdisciplinaridade. Realizou-se uma experiência com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio e a avaliação qualitativa demonstrou que a ação teve impacto positivo tanto para estimular a leitura como para estudar outras matérias e ampliar a visão de mundo do aluno.

Palavras-chave: Literatura; Interdisciplinaridade; Filosofia; Sociologia; História.

Abstract: The habit of reading is crucial to develop the ability to interpret text and, consequently, helps in understanding the concepts and contents of any areas of knowledge. This article aims, therefore, to present literature not only as a valuable instrument to foster a taste for reading, but also to stimulate the studies of other knowledges, such as, Philosophy, Sociology and History. This practice meets a more global view for the formation of the individual and is carried out in school curricula through interdisciplinarity. An experiment was conducted with students of the third year of high school and the qualitative evaluation showed that the action had a positive impact to stimulate Reading, to help them in the studies of other subjects and to broaden the student's worldview.

Keywords: Literature; Interdisciplinarity; Philosophy; Sociology; History.

1 INTRODUÇÃO

A 5ª edição da pesquisa “Retrato da leitura no Brasil”, publicada em 11/09/2020, aponta um dado preocupante: de 2015 a 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52% (NETO, 2020). Isso significa que 48% dos brasileiros com mais

de 5 anos — o que equivale a 93 milhões de pessoas — nunca leram um livro. É possível que essa seja a raiz de um dos problemas existentes em nossa Educação Básica: o pífio desempenho dos alunos nos exames oficiais que aferem a qualidade de ensino público nas redes municipais e estaduais. Na última SAEB, realizada em

2019, 15 estados da Federação não alcançaram, em Língua Portuguesa, resultado igual ou maior que a média do país, que é de 278,4¹ pontos. Esse fato é preocupante, visto que ler e apreender as movimentações semânticas de um texto é vital para o estudo de qualquer conteúdo das diversas áreas do conhecimento.

Ocorreu-me, a partir dessas questões, a necessidade de perseguir possíveis respostas para as seguintes perguntas: Que estratégia utilizar para despertar no jovem o gosto pela leitura não apenas momentaneamente, mas de uma forma que seu interesse perdure? Como fazê-lo compreender que a literatura é capaz de evidenciar um universo infinito que pode ser explorado, complexificando nossa relação com o real e nos conduzindo ao amadurecimento intelectual, político e cultural?

Atravessada por esses questionamentos, propus a leitura de um texto literário, englobando no decorrer da experiência com a obra vários conhecimentos obtidos por meio de outras disciplinas. Esse gesto teve como intenção fazer com que os estudantes vivenciassem - através das personagens - o que eles aprenderam na teoria e, assim, motivá-los ao processo de busca por outros livros. Essa proposta vai ao encontro da prática contemporânea de nome interdisciplinaridade - cada vez mais presente na elaboração do novo currículo escolar -, que consiste em construir o aprendizado de maneira integralizada, em substituição ao antigo hábito de fragmentar específicos campos do saber para estudar as partes que o compõem.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi promover uma leitura mais integral do texto literário a fim de fomentar o gosto pela leitura nos alunos e promover o desenvolvimento necessário para sua maioria. Para isso, foram delineados os

seguintes objetivos específicos: explorar nas diversas passagens da obra conteúdos ministrados em outras áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Filosofia e outros saberes; provocar no jovem o interesse em aprofundar o aprendizado sobre os temas abordados no texto; levar o estudante a considerar a literatura um valioso instrumento no processo de construção de conhecimento e de formação subjetiva.

Com o propósito de alcançar nossos objetivos, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica — para embasar a noção de interdisciplinaridade — e os conceitos históricos, sociológicos e filosóficos abordados na análise da obra. Além disso, houve uma intervenção pedagógica, que teve como intuito aplicar a ação proposta e colher as possíveis respostas acerca da eficácia da prática de leitura interdisciplinar.

A obra eleita para essa experiência foi *Incidente em Antares* (2006), do autor Érico Veríssimo. A escolha desse romance se deve ao fato de o enredo abranger um período da História do Brasil de mais de cem anos, iniciando-se por volta de 1833 – período regencial e estendendo-se até o ano de 1970, já na era republicana. Retratando um extenso recorte temporal, a narrativa propicia o entendimento de vários episódios da História do Brasil e dos problemas sociológicos existentes na sociedade brasileira como, por exemplo, o regime escravocrata e a desigualdade social.

Destacamos, na primeira seção, algumas das definições conceituais e noções que envolvem o termo “interdisciplinaridade”, frisando que tal prática configura uma forma mais atraente e eficaz de se construir o conhecimento. Elencamos, na segunda seção — através de fragmentos da obra selecionada — algumas questões de ordem sociológica, histórica e filosófica. Nosso intuito, aqui, não foi elaborar uma análise sistemática do objeto literário, mas provocar a reflexão e incitar o desejo pelo

¹ Os dados referentes ao resultado do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) podem ser encontrados no site do INEP.

aprofundamento nos assuntos tratados. Na terceira seção, promovemos uma tempestade de ideias, para citar outras possibilidades de diálogos que se abrem com a escrita de Érico Veríssimo com outras áreas do saber.

2 DA FRAGMENTAÇÃO À UNIDADE

Percebe-se que a metodologia pedagógica adotada nas escolas para obtenção do conhecimento se baseia até hoje em sua fragmentação em grandes blocos de saber. Esses, por sua vez, dividem-se em subáreas que, conseqüentemente, particionam ainda mais amplos conteúdos, transformando-os em itens específicos. Isso ocorre apesar da recente discussão sobre a ineficácia dessa prática. Algumas tentativas, entretanto, são feitas — como, por exemplo, a valiosa experiência posta em prática em um Campus do IF pelos professores Jonathan Henriques do Amaral e Adair Adams, relatada no artigo intitulado A literatura como recurso pedagógico para o ensino de Filosofia e Sociologia: um relato de experiência (2019).

A separação dos saberes em grandes áreas tem origem na visão mecanicista de mundo que herdamos do filósofo racionalista René Descartes. Segundo Morin e Le Moigne, “Descartes, ao propor o problema do conhecimento, determina dois campos de conhecimento totalmente separados, totalmente distintos” (2000, p. 27): o sujeito e o objeto. Essa visão dualista foi determinante nos processos de fortalecimento e disseminação da episteme moderna e se manteve como forte característica do desenvolvimento científico. Tratando dessa temática, a professora Maria Cândida Moraes (2000) argumenta que a estruturação do currículo escolar em disciplinas foi também influenciada pela política de fragmentação do processo de produção industrial ocorrido no final do século XIX.

Entretanto, esse modelo destoa do mundo globalizado do século XXI em todas as

atividades humanas, e requer uma reformulação no currículo que sinaliza para a interdisciplinaridade visando à formação integral dos alunos. Segundo o importante sociólogo e filósofo francês Edgard Mourin (2002), a visão global do mundo contribui para que o sujeito histórico se torne apto para “articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos” (MOURIN, 2002, p. 29).

Edgard Mourin (2002) assevera que as disciplinas na forma como são hoje estruturadas isolam os objetos do seu meio; e que a educação, para ser eficiente no processo de formação cidadã, deve estimular a conexão com os mais variados saberes. Segundo o autor:

Para a Educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes... (MOURIN, 2002, p. 48).

Contemporaneamente, a pesquisadora Ivani Fazenda vê a interdisciplinaridade como atitude de abertura frente à questão do conhecimento, substituindo a concepção fragmentária pela concepção unitária do ser humano (FAZENDA, 2002).

A interdisciplinaridade é, assim, um conceito que estabelece a intersecção entre os conteúdos de duas ou mais disciplinas com vistas a permitir que o aluno elabore uma visão mais ampla a respeito das temáticas abordadas e do mundo.

Enfatizamos, aqui, a importância da literatura na interdisciplinaridade com a Filosofia e as Ciências Sociais, visto que, com seu potencial fator de humanização, ela assume papel vital na formação dos

sujeitos históricos. Segundo Antônio Cândido, a humanização é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexibilidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

3 A CONEXÃO DOS SABERES

Nesta seção, serão abordados aspectos das áreas de História, Sociologia e Filosofia que podem se somar à crítica literária da obra *Incidente em Antares* (2006), de Érico Veríssimo. Para isso, serão retirados excertos do romance para a análise, que será feita à luz de pensadores(as) como os(as) historiadores(as) Edgar Carone e Ana Bárbara Pederiva, bem como o filósofo italiano Giorgio Agamben e o sociólogo brasileiro Jessé de Souza.

Literariamente, a obra pertence à segunda fase do Modernismo, período cuja temática foca na crítica social, denunciando os problemas que permeiam a sociedade. Integram essa fase autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado — todos eles engajados nas questões sociais, com vistas a chamar a atenção das autoridades sobre a penúria em que vivia a população mais pobre do país. Trata-se, desse modo, de um período em que o tom que ecoava pelos circuitos de produção artístico-cultural assumia um caráter marcado por uma “atitude revolucionária” (BOSI, 2003, p. 304).

Na segunda parte da obra, os leitores adentram um universo literário em que a narrativa lhes provoca uma sensação de estranhamento: alguns personagens que

figuravam na primeira parte da história morrem e passam a dominar o mundo dos vivos enquanto não conseguem ser sepultados devido a uma greve geral. Revestidos da liberdade que a morte lhes outorga, os defuntos começam a desferir sobre os mandatários da cidade de Antares

— do Coronel Tibério Vacariano aos ocupantes dos elevados cargos da administração pública — críticas e denúncias não só sobre os desmandos políticos, mas também sobre o comportamento promíscuo de toda aquela sociedade burguesa que prega o convencionalismo e a tradição, mas na realidade vive uma vida regada a traição, adultério e todo tipo de prática que eles hipocritamente condenam. Esse aspecto revela um escritor adepto dos autores modernistas da década anterior (1920), como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, cujos romances *Os Condenados*, *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Amar - Verbo intransitivo* abordam a temática de crítica ao burguês.

Historicamente, o livro abrange um período de mais de cem anos, iniciando-se por volta de 1833 - quando da Guerra dos Farrapos, época marcada pelo coronelismo - e estendendo-se até os anos da Ditadura Militar no Brasil. As últimas cenas se passam no ano de 1970, no auge da grande repressão ao livre pensamento.

No início do romance, Antares, a cidade palco dos acontecimentos narrados na história, era comandada pelo fazendeiro Coronel Francisco Vacariano, que teve que dividir - a contragosto - sua autoridade na região com o pecuarista Anacleto Campolargo, que lá chegou no ano de 1860. A disputa pelo controle da região pelas duas famílias durou 70 anos, até a Guerra do Paraguai, quando os chefes políticos uniram suas forças contra Solano Lopes, presidente do Paraguai de 1862 a 1870. Esse sistema de dominação denominou-se coronelismo.

O historiador, sociólogo e ensaísta contemporâneo Edgar Carone (1971)

argumenta que a posse da terra é algo determinante no sistema coronelista. Nota-se:

A razão primeira do coronelismo é o fator geográfico que vai estar intrinsecamente ligado à formação das grandes propriedades. (...) Enquanto os latifúndios se estendem, praticamente não existe a ação do Estado; a ausência do poder público facilita a presença do poder privado, que se arroga no direito de todos os atributos “legais” (CARONE, 1971, p. 87-88).

O momento histórico de início da industrialização do país no governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e as greves dos operários, também expostos na primeira parte do romance, revelam o aspecto sociológico do abismo social entre os ricos, detentores do capital, e os pobres - isto é, a classe operária -, devido aos baixos salários pagos por aqueles a estes. Vejamos o diálogo entre as personagens Quita e Zózimo Campolargo:

— O Getúlio e o Jango é que encorajam os operários a fazerem greves e ameaças. Não se tem mais sossego neste país. E depois, onde se viu fazer um aumento de cem por cento nos salários mínimos?

— Ó Quita - interveio Zózimo, com sua habitual cordura. Como é que os trabalhadores podem viver com esses salários de fome?

— Vivem - replicou a esposa. - Deus é grande. Vivem e se reproduzem como coelhos (VERÍSSIMO, 2016, p. 85).

Filosoficamente, essa passagem da obra nos permite fazer um diálogo com a discussão agambeniana em torno da divisão grega bios e zoé, termos que remetiam ao conceito “vida” na antiguidade clássica. Segundo Agamben:

Os gregos não possuíam um termo único para exprimir o que nós queremos dizer com a palavra vida. Serviam-se de dois termos, semântica e morfológicamente distintos, ainda que reportáveis a um étimo comum: Zoé, que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses) e bios

que indicava a forma própria de um indivíduo ou de um grupo (AGAMBEN, 2002, p. 09).

Mauro Rocha Baptista, no artigo Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben (2014), menciona que, além dessas duas formas de vida, Agamben concebe a existência de uma terceira, a vida nua:

A vida nua não é Zoé da qual a Bios emerge, é aquilo que, ao ser excluído da polis, se inclui nela, ou seja, ela não é Zoé, é o que se forma quando se tenta incluir a Zoé na polis, posto que, originalmente, ela não pertence a esse ambiente; assim, sua inclusão precisa ser feita por meio de sua exclusão, uma exclusão daquilo que nunca foi, de fato, incluído (BAPTISTA, 2014, p. 15).

Essa vida nua, própria das camadas mais baixas da sociedade, desencadeia uma questão sociológica presente na era Moderna que consiste, segundo Jessé Souza, na perpetuação da pobreza. Isso porque as pessoas pertencentes a essa camada, que Jessé denomina ralé, não têm chance de progredir, sua existência se resume a executar tarefas pesadas que demandam apenas esforço físico para poupar o tempo comprado a preço vil pelos indivíduos dos extratos superiores, que o utilizam para obter mais lucro e aprendizado qualificador. Jessé expõe que: “A classe roubada, no caso, é condenada eternamente a desempenhar os mesmos papéis secularmente servis” (SOUZA, 2017, p. 80).

O evento histórico que marca a separação das partes que compõem o livro Incidente em Antares (2016) é a Ditadura Militar no Brasil, iniciada em 1964 e que impôs aos cidadãos grande cerceamento da liberdade — especialmente o da liberdade de expressão, com punições severas aos que contrariavam as ordens ditadas pelos governantes. Uma passagem da obra que expõe ficcionalmente essas punições narra a denúncia de tortura aplicada ao operário João Paz, acusado de treinar um grupo de dez guerrilheiros de esquerda, do qual era

supostamente o chefe e, como ele não sabia dizer seus nomes, espancaram-no até não mais resistir e morrer. Depois, para obterem a informação desejada, pegaram sua esposa grávida e lhe desferiram bofetadas e golpes até que esta, para salvar sua vida e, principalmente a do filho, inventou nomes e entregou-os para escapar dos algozes.

Em outro trecho, encontra-se ilustrada a repressão à liberdade de expressão, como se pode ver no diálogo abaixo entre um funcionário público e seu filho de sete anos.

- Que é que está escrito ali, pai?
 — Nada. Vamos andando que já estamos atrasados...
 O pequeno, entretanto, para mostrar aos circunstantes que já sabia ler, olhou para a palavra de piche e começou a soletrá-la em voz alta:
 — Li-ber...
 — Cala a boca, bobalhão! — exclamou o pai, quase em pânico. E, puxando com força a mão do filho, levou-o, quase de arrasto, rua abaixo (VERÍSSIMO, 2016, p. 489).

Segundo Ana Bárbara Pederiva, historiadora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — que atua na linha de pesquisa sobre juventude, gênero, geração e música — políticos, estudantes, intelectuais, artistas e operários foram perseguidos, presos, torturados, exilados e mortos durante a Ditadura Militar no Brasil. A censura foi implacável com as obras artísticas e com os meios de comunicação, em tentativa de acabar com as manifestações culturais e políticas contrárias ao regime (PEDERIVA, 2004, p. 208).

Enfim, esses foram apenas alguns dos múltiplos temas sobre os quais o romance *Incidente em Antares* facultya discorrer para o enriquecimento da experiência que o contato com a obra literária proporciona.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência foi feita no IFES – Campus Colatina, onde atuo como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. A atividade foi aplicada aos alunos do terceiro ano do ensino médio. Optei por essa série porque os jovens já têm, provavelmente, algum conhecimento prévio dos conteúdos de História, Filosofia e Sociologia, obtidos nas séries anteriores, que possibilitam uma leitura mais profunda e crítica da obra. Para a escolha do livro, levei em consideração tanto o período literário ao qual a obra pertence — segunda fase do Modernismo —, já que correspondia ao que era ministrado naquele momento, quanto ao leque de opções que a obra facultya abordar.

Primeiramente, foi solicitada aos alunos a leitura do romance com prazo suficiente para que eles o fizessem com calma e atenção, refletindo sobre as questões que podiam ser levantadas pelos limites de sua materialidade textual. O encontro, realizado em modalidade virtual devido ao isolamento social imposto pela pandemia, foi agendado para o dia 24/03/2021.

Durante a web-conferência, pedi-lhes que citassem alguns temas que eles já haviam estudado e que a obra trouxe à tona. Uma aluna mencionou o coronelismo, porque na cidade pequena do interior em que crescera, era esse o regime que vigorava. Outra, lembrou de uma fala do professor de sociologia sobre o fato de que o acesso às oportunidades para a qualificação dos indivíduos é muito desigual, tornando injusta a seleção pela meritocracia — a contribuição dessa aluna, portanto, alia-se à afirmação do sociólogo Jessé Souza sobre a perpetuação da pobreza.

Outros jovens apontaram, ainda, questões acerca do racismo na cena que expressa a indignação da personagem Quitéria Campolargo ao descobrir a nomeação da personagem negra Gregório Fortunato para chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas — “Que vergonha, temos no Brasil uma Iminência negra”

(VERÍSSIMO, 2016, p. 87). Além disso, a teoria darwinista de seleção das espécies foi reconhecida no diálogo entre o personagem do fazendeiro Tibério e o professor Martin:

— E, que me diz da liberdade alheia? E do bem-estar dos outros? — perguntou Martim Francisco.

— Ora, professor, que cada qual cuide de sua vida. Quem for mais capaz e mais macho vence. É a lei do mundo. Sempre foi (VERÍSSIMO, 2016, p. 476).

Perguntados sobre outras obras literárias já lidas e quais aspectos pertinentes a outros saberes podiam ser nelas identificados, eles citaram o livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, que foi objeto de discussão no “Café Literário” realizado em 2019, quando eles estavam no segundo ano. Sobre essa obra, mencionaram a desigualdade social, a superioridade das raças e a vida sem quaisquer qualificações políticas dos moradores do cortiço — isto é, a vida nua —, como exemplos de conhecimentos mais especificamente obtidos nas áreas de Sociologia e Filosofia.

Esse entrelaçamento da literatura com outros saberes, especialmente na etapa escolar do Ensino Médio — período em que o jovem está prestes a alcançar cronologicamente a maioria — torna-se ainda mais relevante, pois constitui um poderoso recurso para a emancipação total do indivíduo, tornando-o livre e capaz de agir social e politicamente de forma mais consciente — libertando-o, portanto, do estado de barbárie, termo cunhado por Walter Benjamin, em seu valioso texto “Experiência e Pobreza” (2012). Desse modo, o enriquecimento da experiência advinda dessa prática pode constituir um incentivo para que os jovens se lancem à frente e construam um futuro mais promissor, realizando, afinal, a expectativa de Walter Benjamin de que algo decente surja da dita “crise da experiência” (BENJAMIN, 2012).

No final do encontro, escutamos a música “Comida”, do grupo Titãs, cuja letra nos remete à noção agambeniana de vida nua ao fazer uma crítica à condiçõesubumana de vida a que se submete a população de baixa renda desassistida pelo Governo em nosso país.

O momento foi muito rico, com muitos conhecimentos compartilhados. Para encerrar, promovi um sorteio de romances da literatura brasileira para serem lidos e discutidos futuramente — provavelmente por meio de um projeto de “Café Literário”, para a “Semana de Arte e Cultura”, que a escola realiza todo ano.

Na verdade, eu já havia ensaiado essa prática anteriormente, em 2019, com algumas turmas de segundo ano, solicitando aos alunos a leitura das obras *Os miseráveis*, de Victor Hugo, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, em cuja ambientação histórica e sociológica surgiram as estéticas literárias do século XIX: o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo, respectivamente. E, agora, com a ampliação do conhecimento prévio sobre o mundo, pude aprofundar alguns dos debates passados.

É difícil verificar, de imediato, os resultados obtidos por meio desse procedimento metodológico porque implica mudança de hábitos, mas pude perceber o entusiasmo dos alunos ao expressarem suas ideias e vivências durante os encontros. A resposta de que o método pode contribuir para a apreensão dos conceitos estudados em outras áreas foi a associação da obra *O cortiço* com os novos conhecimentos obtidos, conforme citado em parágrafo anterior.

Essa estratégia requer um meio avaliativo mais detalhado. Entretanto, por se tratar de um ano letivo atípico devido à pandemia que reduziu drasticamente o tempo disponível de alunos e professores e fez com que as atividades se acumulassem, pedi apenas que os alunos lessem e trocassem entre si os livros sorteados para fomentar a prática de leitura.

Espontaneamente, eles escreveram cartinhas de agradecimento pela oportunidade que lhes foi dada, citando a obra *Incidente em Antares* (2016) como o melhor livro por eles lido até esse momento, o que sinaliza que a abordagem diferenciada da leitura pode suscitar o interesse por essa atividade, que é tão vital para o desenvolvimento do indivíduo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

AMARAL, Jonathan; ADAMS, Adair. A literatura como recurso pedagógico para o ensino de filosofia e sociologia: relato de uma experiência. In: **Leitura: teoria & prática**. v. 37, n. 76, 2019, p. 73-87.

BAPTISTA, Mauro Rocha. Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben. In: **Profanações**. v.1 n. 1, p. 53-74, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2002.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MOURIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

NETO, José Castilho Marques. Retratos na leitura do Brasil 2015: crescemos? Estamos lendo mais?. **Publishnews**, 2016. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2016/06/07/retratos-da-leitura-no-brasil-2015-crescemos-estamos-lendo-mais>. Acesso em: 25/06/2021.

PEDERIVA, Ana Barbosa Aparecida. **Anos Dourados ou rebeldes: Juventudes, territórios, movimentos e canções nos anos 60**. São Paulo: PUC, 2004.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava-jato**. Ed. Leya, 2017

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.